

**A ABORDAGEM ECLESIAL DA QUESTÃO DA HOMOAFETIVIDADE NA HISTÓRIA DA  
DOCTRINA DA IGREJA CATÓLICA:  
UMA LEITURA À LUZ DE PRINCIPAIS DOCUMENTOS OFICIAIS**

Mussá Maria Cossa\*  
Celito Moro\*\*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é mostrar que a abordagem histórica e evolutiva da homossexualidade registrada nas diversas culturas ao longo da história do homem, é ainda de extrema importância nos dias de hoje. A Igreja precisa de pessoas que sejam capazes de oferecer uma resposta que vá ao encontro dos desafios e atualizações do homem do nosso tempo. Dado que este tema é abordado em diferentes campos de estudo nas diversas academias, o artigo visa expor a visão atual do Magistério, expondo como foi abordado este tema ao longo da história. Por isso, os dados aqui contemplados nos desafiarão a refletir sobre a nossa concepção como indivíduos singulares e a posição que a Igreja toma quanto à homoafetividade. Trata-se de um artigo que vai interpelar a consciência moral de quem se propõe a fazer uma leitura livre de preconceitos e julgamentos, pois não se trata de diretrizes a serem estabelecidas, mas uma reflexão que brota dos pronunciamentos do Magistério ao longo da história e da visão oferecida pelo Papa Francisco e por alguns teólogos dos nossos dias.

**Palavras-chave:** Igreja. Cultura. Homossexualidade. Consciência Moral. Preconceitos.

**THE ECCLESIAL APPROACH TO THE QUESTION OF HOMOAFETIVITY IN THE HISTORY  
OF THE CATHOLIC CHURCH'S DOCTRINE: A READING IN THE LIGHT OF THE MAIN  
OFFICIAL DOCUMENTS**

**Abstract:** The aim of this paper is to show that the historical and evolutionary approach to homosexuality recorded in different cultures throughout the human history is still of extreme importance today. The Church needs people who are able to offer an answer that will meet the challenges and updates of the mankind of our age. Given that this issue is addressed in different fields of study in different academies, the article seeks to

---

\* Graduado em Filosofia pela The Catholic University of Eastern Africa (CUEA) [Universidade Católica da África Oriental]. Atualmente é acadêmico do IV semestre do Curso de Teologia da Faculdade Palotina-FAPAS em Santa Maria, RS. E-mail: [mussa.maria@yahoo.com](mailto:mussa.maria@yahoo.com) / [mussa.cossaa@gmail.com](mailto:mussa.cossaa@gmail.com)

\*\* Doutor em Teologia Moral pela Accademia Alfonsiana de Roma, membro da diretoria da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM), Professor de Bioética e de teologia Moral da Faculdade Palotina. E-mail: [celmoro@uol.com.br](mailto:celmoro@uol.com.br)

expose the current vision of the Magisterium by explaining how this issue has been addressed throughout history. For this reason, the findings contemplated here will challenge us to reflect on our conception as unique individuals, and on the position that the Church takes regarding homoafetivity. It is an article that will challenge the moral conscience of those who propose to make a reading free of prejudice and judgment, since these are not guidelines to be established, but a reflection that springs from the pronouncements of the Magisterium throughout history and the vision offered by Pope Francis and by some theologians of our days.

**Keywords:** Church. Culture. Homosexuality. Moral Conscience. Prejudice.

### Considerações iniciais

O tema da homossexualidade<sup>1</sup> é um dos mais abordados nos nossos dias, pois ele tem ganhado um considerável destaque no campo de reflexão e das manifestações em todas as categorias e classes da sociedade, especialmente na esfera da juventude. Pois como constata o Papa, “os jovens expressam um grande desejo explícito de confrontar-se com as questões relativas à diferença entre identidade masculina e feminina, à reciprocidade entre homens e mulheres, e à homossexualidade” (*Christus Vivit*, n. 81). Parte-se do pressuposto de que a realidade da inteligência no ser humano faz parte da sua natureza, possibilitando o discernimento do bem e do mal. Neste sentido, vários pesquisadores, no campo da moral, procuram refletir e estabelecer parâmetros aceitáveis em todas as culturas em relação ao relacionamento afetivo do ser humano. Desta forma, procuraremos refletir a partir dos dados históricos a respeito da homossexualidade dentro e fora da Igreja, para assim oferecermos uma proposta teológica que responda aos desafios da humanidade atual.

---

<sup>1</sup> Ao mergulhar-se neste tema é importante ter claro a diferença entre homossexualismo, homossexualidade e homoafetividade. Por meio das declarações da Organização Mundial de Saúde já se deve saber que as relações entre duas pessoas do mesmo sexo não se tratam de homossexualismo, e sim de homossexualidade. Vários autores destacam que o termo homossexualismo denota condição patológica o que já foi provado ao se retirar este tipo de relacionamento da lista mundial das doenças em 1992. Por outro lado, o termo homossexualidade denota condição ou estado, e se assemelha aos demais termos que caracterizam as diversas orientações e condições sexuais, como heterossexualidade, transexualidade, pansexualidade, assexualidade. Por fim, o termo homoafetividade remete ao relacionamento romântico entre duas pessoas do mesmo gênero sexual.

Para efetivar esta proposta, o artigo será dividido em cinco partes: a primeira coloca em relevo a definição geral do que se entende por homossexualidade nos nossos dias. A segunda sessão expõe a questão da homossexualidade como um comportamento sexual culturalmente aprovado nas sociedades mais influentes da história humana. A terceira sessão aborda a posição da religião ante a questão da homossexualidade partindo de uma visão histórico-socio-cultural da história de Israel, não deixando de lado também as influências das práticas religiosas dos povos vizinhos, dado este, que é sustentado pelas referências bíblicas ao longo do texto. A quarta sessão faz uma exposição histórica telegráfica da homossexualidade a partir da Tradição eclesial, começando da Patrística ao Vaticano II, baseando-se nos grandes concílios ecumênicos antes do Vaticano II. A última sessão apresenta a visão pós-conciliar da homossexualidade na voz atual do Magistério e na visão de alguns teólogos atuais no campo da Teologia Moral.

A *Christus Vivit*, servirá como pano de fundo para as considerações finais do texto. Em linhas gerais, o objetivo principal do presente artigo é conscientizar a partir dos dados históricos, o quão é importante usufruir dos dons da inteligência conduzida pela ação do Espírito Santo na busca do aprimoramento de uma autêntica vida cristã que prima pela preservação da vida e da felicidade na base dos valores evangélicos.

Assim como afirmou o Papa João XXIII na abertura do Concílio Vaticano II, embora não se referindo especificamente à questão homoafetiva, que fique bem claro desde já, que a Igreja sempre se opôs a vários erros teológicos; e muitas vezes até os condenou com a maior severidade, “agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações” (Discurso de sua santidade Papa João XXIII na abertura solene do ss. Concílio, 1962, cap. 7, n. 2).

## 1 Definição geral de homossexualidade

Designa-se homossexual à pessoa que, em sua vida sexual, sente atração preferencial por alguém do mesmo sexo, não necessariamente mantendo regularmente ou ocasionalmente relações sexuais com ele/a. Aliás, os estudos feitos na atualidade em relação a esta questão mostram que a pessoa pode ser homoafetiva e nunca manter uma relação sexual com uma pessoa do mesmo gênero. António Moser adverte que o homossexual não deve ser confundido com pederasta, nem com prostituta, nem com travestismo, nem com *drag queens*, nem com outras tantas condutas que não são específicas de uma determinada orientação sexual. Tais condutas tanto podem ser assumidas por homossexuais quanto por heterossexuais. Assim, ele esclarece a diferença dessas pessoas frisando que:

É preciso não confundir o homossexual com transexual: o primeiro é sexualmente definido, homem ou mulher, enquanto o segundo, embora possa ser biologicamente identificado, sente-se mal na sua própria pele, ou seja, não se sente psicologicamente identificado com seu sexo biológico[...]. Ninguém deixa de ser homem ou mulher quando alguém se torna homossexual, pois *não* é a heterossexualidade que nos torna homem ou mulher. A orientação que damos ao sexo ao qual pertencemos nada tem a ver com nosso sexo biológico [...] (2001, p. 215).

Segundo José M. Fernández-Martos e Marciano Vidal, nesta definição acima colocada, “inclui-se os que vivem fantasias de desejo e relação sexual com indivíduos do mesmo sexo embora não se levam à prática por medo, por consciência ética ou por qualquer outra razão” (2007, p. 8). É por essa razão que se observa que, na tentativa de se oferecer uma definição razoável do que é a homossexualidade faz-se necessária a introdução de conceitos que possibilitam a inclusão de todos os tipos de homossexualidade. Desta forma, António Moser esclarece que

Na tentativa de se definir ainda melhor as tonalidades diferentes do termo homossexualidade, reservado para designar

comportamentos de práticas homossexuais na esfera da sexualidade genital, foram sendo introduzidos outros termos, como homogenitalidade, homoerotismo e homofilia. Com o termo homogenitalidade quer se designar aquele tipo de pessoa que não apenas se sente atraída por outra pessoa do mesmo sexo, mas efetivamente busca uma eventual relação genital. Já o segundo termo quero acentuar justamente o predomínio dos aspectos afetivos e relacionais, com valorização predominante da pessoa do outro em seu todo. O terceiro termo, homofilia ressalta a simpatia, a amizade o bem querer. Como observa um especialista: quem busca a homogenitalidade busca prazer; quem assume o homoerotismo busca a alegria; e quem assume a homofilia busca a felicidade” (MOSEER, 2001, p. 227).

Em resumo, o olhar antropológico descreve a homossexualidade como “uma condição humana de um ser pessoal que a nível da sexualidade, caracteriza-se pela peculiaridade de sentir-se constitutivamente instalado na forma de expressão exclusiva com um parceiro do mesmo sexo” (VIDAL, 1985, p. 8). Portanto, sendo uma condição humana, ela ultrapassa as barreiras raciais, culturais, religiosas e de gênero.

## **2 A homossexualidade como um modo de vida culturalmente aprovado no decurso da história**

A cultura como noção é definida como “conjunto de significados e valores que dão forma a um modo de vida. Ele pode ficar inalterado por eras, mas também pode estar a ser vista como um processo de lento desenvolvimento ou rápida dissolução” (LONERGAN, 2012, p. 11). Em outras palavras, segundo Lasso, a cultura é um conjunto fechado de maneiras de pensar, de sentir e de trabalhar mais ou menos formalizadas, que aprendidas, assimiladas e compartilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem de um modo objetivo e simbólico à função de constituir essas pessoas em uma coletividade particular e distinta (1985, p. 33). Ela determina como as pessoas devem se comportar em cada situação na vida, os valores, o que é bom ou mau, os mitos, as lendas etc. Ela marca normas de ordem obrigatória e facultativa, tanto no campo moral, como no antropológico. Isto faz com que o seu valor seja indispensável e, por consequência, se transmita de geração em geração em todos os povos. No entanto,

quando se trata de questões de relacionamentos afetivos, todas as culturas estabeleceram normas sobre a sexualidade para determinar se é ou não lícito desafogar a sexualidade com pessoas do mesmo ou de diferente sexo (LASSO, 1985, p. 33). Com o advento da modernidade não existe mais uma cultura isolada que mantém suas verdades só para si. Aliás, vale ressaltar que com as inovações tecnológicas que derrubaram os muros que separavam as culturas e preservavam os seus valores só para o seu povo, as verdades culturais passaram a se interconectar e se complementar.

Graças à série de pesquisas realizadas ao longo da história da antropologia cultural, hoje se sabe que desde há muito, a presença de homossexuais, masculinos e femininos na história da maioria das culturas estudadas foi uma questão que acompanhou o processo evolutivo em todas as culturas. Por exemplo, na cultura grega se registram personagens históricas, como Sócrates, Platão, Alexandre Magno e tantos outros como adeptos da homossexualidade. Este fato é aprofundado por Pablo Lasso quando afirma que:

A homossexualidade na Grécia tomava geralmente forma de pederastia<sup>2</sup>, apresentada como a relação mais sublime. Sócrates declarou a sua filosofia como a de amor à homossexualidade, o que era realmente significativo do ponto de vista social, pois ele pessoalmente, se abstinha de ter relações sexuais de qualquer tipo. Também são conhecidas as

---

<sup>2</sup> O termo 'pederastia' deriva do grego clássico *παιδεραστής* (*paidetastēs*) composto pelo substantivo *παῖς* (*paĩs*), 'criança', e o verbo (eraō) *ἐράω*, 'amar', e designa o relacionamento erótico e amoroso entre duas pessoas, uma mais velha e outra mais jovem, geralmente do mesmo sexo. Muitas vezes o termo é equiparado à homossexualidade ou a pedofilia. Mas, segundo Henri-Irénéé Marrou a pederastia se distingue da pedofilia e da homossexualidade pela sua origem distinta. Diferente da pedofilia e da homossexualidade, que podem ser considerados desvios de origem sexual, a pederastia é um fenômeno de origem passional. Assim explica MARROU: "a essência da pederastia não reside nas relações sexuais anormais [...]. Ela é desde o início formada de sensibilidade, de sentimentalismo, um ideal misógino de virilidade total" (1973, p. 56). Aprofundando mais um pouco, podemos inferir que, a pederastia distingue-se da homossexualidade pelo fato de que enquanto a homossexualidade caracteriza-se pela atração sexual por indivíduos do mesmo sexo, a pederastia surge do forte vínculo afetivo entre duas pessoas, o mestre e o estudante na cultura grega. Aliás, existe ainda uma grande distinção entre a pederastia e a pedofilia. Enquanto a pedofilia se constitui de uma atração sexual por infantes, a pederastia surge, na educação, como o amor entre mestre e discípulo. Trata-se de um sentimento muitas vezes mais profundo que aquele compartilhado entre pais e filhos, pois "a ligação pederástica estabelece no par de amantes uma comunhão muito mais estreita 'Πολύ μείζα κοινανίαν' do que a que une os pais aos filhos" (MARROU, 1973, p. 58).

exaltações que Platão faz do amor na variante de homossexualidade, concretamente da pederastia. Assinala como fato ideal da vida a combinação de filosofia com pederastia (1985, p. 35).

Dado que esta prática era comum, sobretudo na classe dominadora da sociedade, indica-se que todo o homem influente e capaz tinha a seu cargo algum jovem ao qual ensinava como atuar na vida, exercer um ofício de responsabilidade pública ou o ajudava a situar-se na vida. Esses jovens envolvidos nesses atos, deviam estar entre os 12 a 18 anos de idade, e não constituía nenhum problema se o menino e os seus pais o consentissem. Ou seja, a questão das relações homoafetivas na Grécia antiga girava em torno de assumir o papel ativo/insertivo ou passivo/ penetrado. Se o mais velho assumir o papel passivo numa relação homoafetiva constituía um grande problema, pois a pederastia era para ser apenas para a fase do aprendizado com o tutor. Diferente da Grécia, que era apenas opcional, em Esparta

[...] a relação homossexual era prescrita pelo governo, ao ponto de se castigar o jovem que não tivesse amante ou multá-lo se preferisse um rico a um pobre. A homossexualidade espartana era um resultado lógico da supervalorização do mundo masculino, da guerra, das relações entre homens etc. Como exemplo, da solidariedade e agressividade que a homossexualidade é capaz de produzir no grupo militar que a praticava. Evidentemente, cada um deles ao lutar contra o inimigo, defendia seu par, sua própria vida, a do seu amado e seu prestígio pessoal ante os olhos daquele com quem, afetivamente, compartilhava seus sentimentos (LASSO, 1985, p. 36).

A cultura romana apresentava muitas similaridades com a cultura grega quanto à compreensão da homossexualidade. Numa primeira fase a pederastia era vista na sociedade como ato normal, no qual por questões educacionais, o menino e os seus pais faziam uma opção por tutores particulares que assim procediam. Com a promulgação do código Justiniano<sup>3</sup> em 529, esses atos passaram a ser proibidos, e

---

<sup>3</sup> O Código Justiniano "*Codex Justinianus*", conhecido mais no campo de Direito por *Corpus Iuris Civile* foi fruto do trabalho de compilação de leis elaboradas pelo imperador para a restauração dos valores do Império Romano. O Imperador Justiniano dividiu o código em doze livros, sendo que o primeiro tratava das fontes do direito, de argumentos de direito público e direito eclesiástico; o direito privado era tratado dos livros segundo a oitavo; o livro nono trazia a

todos aqueles que eram surpreendidos em flagrante ato pederasta eram executados, embora aqueles que se arrependiam podiam ser poupados. Os que se arrependiam juravam não cometer mais estes atos, eram vistos não mais como pederastas, mas como pessoas que buscavam se redimir da sua vergonhosa história. Este modo romano e cultural de abordar a questão da homossexualidade influenciou muito no modo de tratar a mesma questão na Igreja Católica, como ilustraremos mais adiante. A punição prevaleceu por muito tempo na Igreja como a maneira justa de proceder com indivíduos homossexuais. Este dado ficará mais claro assim que abordarmos esta questão na visão eclesial.

Na maioria das culturas africanas que foram pesquisadas, a questão da homossexualidade está vinculada às práticas religiosas tradicionais. Por exemplo, na tribo Karaki da Nova Guinéa, a prática da homossexualidade faz parte do rito de iniciação à puberdade. Segundo Pablo Lasso, os rapazes copulam com varões maiores em idade, não casados, enquanto eles desempenham o papel passivo no coito anal durante um ano. Depois desse ano, os que estiverem aprovados, são considerados adultos a nível sexual. Para a promoção seguinte do rito de iniciação desempenham o papel ativo com outros jovens até que se casem com uma mulher a seu gosto. Ao casarem, abandonam as práticas homossexuais para passar às heterossexuais. Estas práticas se fazem pelo bem do rapaz, pois se considera este tipo de relações como ajuda preparatória para o seu melhor desempenho em todos os aspectos da vida (LASSO, 1985, p. 38).

### **3 A religião diante da questão da homossexualidade**

Para melhor entender a questão da homossexualidade, tendo como pano de fundo o campo religioso na base da história da salvação do povo de Israel, é importante olhar brevemente a influência dos povos vizinhos quanto às práticas homoafetivas. A

---

legislação penal; e os últimos três regulavam o direito público (BARKER, Ernest (org.), 1957, p. 239).

Bíblia mostra-nos que estas práticas eram radicalmente proibidas e condenadas pelos que eram leais à YHWH e aos seus preceitos.

### **3.1 Um olhar a partir da história do Povo de Israel, e das práticas dos povos vizinhos**

Pablo Lasso sublinha que sabemos a partir dos estudos realizados por Heródoto que nas terras de Canaã, existiam templos nos quais se acreditava que a relação religiosa do deus ou da deusa era experimentada através da relação sexual do sacerdote ou da sacerdotisa de turno com o devoto ou devota correspondente. Lasso, explica que “normalmente uma divindade masculina era servida por sacerdotes [...] e uma divindade feminina era servida por sacerdotisas que, da mesma forma, transmitiam a experiência religiosa aos devotos da deusa” (1985, p. 34).

Existem dados que mostram que como não havia segregação do sexo no serviço sacerdotal, por vezes uma divindade feminina era servida por mulheres ou por homens. Nesses casos, os sacerdotes se vestiam de mulheres e se comportavam como sacerdotisas. Segundo Lasso, quando os devotos se aproximavam do templo para cumprir a relação com a divindade e se encontravam com um sacerdote varão tinham que ter uma relação sexual anal (1985, p. 36). Este fato indica que o povo acreditava que as divindades sexuadas se manifestavam através de qualquer tipo de contato sexual e, assim se legitimava religiosamente a prática homossexual.

### **3.2 A homossexualidade a partir do enfoque bíblico**

A partir do estudo realizado pela Pontifícia Comissão Bíblica<sup>4</sup> (2019), constata-se que abordando a questão homoafetiva, a Bíblia não fala de inclinação erótica para uma pessoa do mesmo sexo, mas apenas de atos homossexuais. Aliás, segundo o mesmo documento, no que diz respeito ao Antigo Testamento, temos apenas dois relatos (Gn 19 e Jz 19) que deixam transparecer a ideia da intenção homoafetiva, e depois no livro

---

<sup>4</sup> Desde agora passaremos a nos referir a este documento pela abreviatura PCB.

do Levítico aparecem normas como espécie de um código legislativo (Lv 18, 20-22 e 20,13), condenando as relações homossexuais (PCB, 2019, n.185).

Baseando-se nos relatos acima citados, pode-se chegar à conclusão de que os escritos do Antigo Testamento sempre se referem à homossexualidade masculina e ignoram totalmente a homoafetividade feminina. Geralmente quando se aborda este tema no contexto bíblico, ele é sempre associado à história do pecado de Sodoma, sobre o qual caiu o julgamento divino que culminou com a destruição total da cidade<sup>5</sup> (Gn 19, 1-29). A Pontifícia Comissão Bíblica explica que a princípio, o pecado de Sodoma segundo a Bíblia hebraica, nunca alude à transgressão sexual contra pessoas do mesmo sexo, mas sim ao descuido orgulhoso e ao fracasso em ajudar os empobrecidos e os injustiçados da sociedade (PCB, 2019, n.186). Porém, destaca o documento, a partir do segundo século da era cristã, a destruição de Sodoma passou a ser associada ao pecado da prática sexual desonrosa, realidade que se passou a ser conhecida como 'sodomia', que consiste em relações eróticas com pessoas do mesmo sexo. Esta interpretação se deve ao fato de que o verbo hebraico utilizado para descrever os fatos narrados em Gn 19,8 e Jz 19,22 é conhecer, um eufemismo para as relações sexuais, como é confirmado pela proposta de Lot e também do Pai que acolheu o homem levita, que, a fim de proteger os convidados, estão dispostos a sacrificar suas filhas virgens que 'não conheceram homem' (PCB, 2019, n.186).

Alguns autores afirmam que a destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19), bem como a saga da concubina violentada em Gabaá (Jz 19), não portam somente conotações homossexuais, mas, revelam mais a falta de hospitalidade e a pretensão de desonrar o estrangeiro que a própria prática da homossexualidade (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 65). O livro do Levítico (Lv 18,20-22; 20,13) ocupa um lugar central no que diz respeito ao valor ético e cultural do povo de Israel, pois ele serve como uma diretriz para o povo de Deus, com regras importantes a serem mantidas para um bom

---

<sup>5</sup> Segundo as escrituras, nota-se que "o maldito destino de Sodoma é motivado por seu 'pecado', repetidamente denunciado como 'muito grave' (Gn 13,13; 18,20) e considerado sem remédio, na medida em que a cidade não tem o número mínimo de pessoas "justas" que poderiam tornar plausível a suspensão do julgamento divino sobre todos os habitantes (Gn 18,32)" (PCB, 2019, n. 186).

relacionamento com Deus na terra prometida especificamente em relação a homoafetividade. Sobre este aspecto a Pontifícia Comissão Bíblica esclarece:

No Lv 18,22 temos a ordem: 'não se deve deitar com um homem como se faz com uma mulher, é uma coisa abominável (tô'ēbāh)'; e no Lv 20,13 a sanção é indicada: 'se alguém se deita com um homem como se deita com uma mulher, ambos cometeram uma coisa abominável (tô'ēbāh); devem ser mortos, seu sangue (cadrà) cair sobre eles'. A proibição da prática homossexual (masculina) está incluída entre as proibições de incesto (Lv 18:6-18; 20:11-12.14.19-21) e as de outros desvios sexuais, como o adultério (Lv 18:20; 20:10) e a bestialidade (Lv 18:23; 20:15-16); a gravidade do ato perpetrado, além da qualificação de "coisa abominável", é destacada pela pena capital<sup>6</sup> (n. 189).

Na visão sociocultural e religiosa da época, o homem era superior à mulher e, com o ato que se realiza na homossexualidade violentava-se a natureza, ao submeter o homem à condição do papel feminino. A condenação vale também para a parte passiva, porque aceitou o papel feminino. Portanto, "cometer um ato como tal, é transgredir os limites estabelecidos por Deus na ordem da criação, semeando uma semente ali onde não pode brotar, e nem dar frutos. Em consequência, seria degradar um homem, colocá-lo no lugar que corresponde à mulher" (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 71).

Assim como o Antigo Testamento, o Novo Testamento apresenta a homossexualidade nos escritos de Paulo como uma prática contra a natureza e que por consequência, afasta o ser humano da contemplação de Deus. Aliás, Paulo trata desta questão em três textos específicos: Rm 1,26-27; 1 Cor 6,9 e 1 Tm 1,10 respectivamente. Nas três citações, Paulo apresenta a homoafetividade como "símbolo de desordem moral, perversão da ordem querida pelo Criador e a define como coisa vergonhosa (*αισκεμοσυνε /aiskemosyne*) e uma das paixões desonrosas dos pagãos (*παθε αιτιμιαις /*

---

<sup>6</sup> In Lv 18,22 abbiamo il comando: «non giacerai con un maschio come si fa con una donna, è una cosa abominevole (tô'ēbāh)»; e in Lv 20,13 viene indicata la sanzione: «se qualcuno giace con un maschio come si fa con una donna, tutti i due hanno commesso una cosa abominevole (tô'ēbāh); dovranno essere messi a morte, il loro sangue (cadrà) su di loro». La proibizione della pratica omosessuale (maschile) è inserita fra i divieti dell'incesto (Lv 18,6-18; 20,11-12.14.19-21) e quelli di altre deviazioni sessuali, come l'adulterio (Lv 18,20; 20,10) e la bestialità (Lv 18,23; 20,15-16); la gravità dell'atto perpetrato, oltre che dalla qualifica di «cosa abominevole», è evidenziata dalla pena capitale.

*pathe aitimias*) (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 77)". Importa salientar que nos Evangelhos Jesus não trata deste tema, embora haja registros de que essa prática existia no seu tempo. Concluindo, no contexto bíblico, os atos homossexuais são vistos como perigosos para a esfera divina e cultural e são qualificados como abominação (Lv 18,22). Em todo o Antigo Testamento, o termo *io'ebah* é usado para indicar aqueles pecados que implicam contaminações pagãs, condenando assim também a prostituição sagrada, ligada com a idolatria.

#### **4 Breve sinopse da homossexualidade a partir de alguns teólogos antes do concílio vaticano II**

Já no início dos primeiros séculos do cristianismo, registra-se a preocupação em tratar este tema, embora a sua abordagem fosse discreta. Nos escritos de São Justino, de São João Crisóstomo e de Santo Agostinho fala-se da fornicação, comportamento afeminado, desonesto com a natureza, das paixões satânicas e estes atos são classificados como *contra naturam*. Todavia, eles exortavam aos jovens da sua época a se afastarem das concupiscências do mundo, pois elas desagradam a Deus. Assim escreve Santo Agostinho:

Estes vergonhosos atos contra a natureza, como cometiam em Sodoma, devem ser sempre e em todas as partes detestados e castigados. Se todas as nações fizessem tais coisas, deveriam por igual ser declaradas culpáveis do mesmo crime pela lei de Deus, que não fez os homens de tal modo que se sirvam uns dos outros dessa maneira. (AGOSTINHO, 2018, p. 90).

Além desses atos serem considerados contra a natureza, na patrística o ato homossexual era tido como a mais grave perversidade humana, superando até mesmo o homicídio. Assim diziam os padres:

Os pecados contra a natureza são mais difíceis e menos gratificantes, tanto que não se pode nem mesmo afirmar que esses procuram prazer, porque o verdadeiro prazer é só aquele que está de acordo com a natureza[...]. Esses são piores que os homicidas e que seria melhor morrer que viver desonrados deste modo. O homicida separa a alma do corpo, mas esses destroem a alma no interior do corpo[...] (CRISÓSTOMO apud GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 83).

Pela confusão e complexidade do tema, o assunto foi debatido em alguns Concílios como os de Elvira em 306, de Ancira em 314, de Toledo em 693 e por fim nos dois concílios de Latrão em 1179 e 1512-1517 respectivamente. Segundo Gomes e Trasferetti, o Concílio de Toledo condenou a prática homossexual como um gravíssimo crime e as sanções são extremamente severas para aquele que for surpreendido em tais atos. Eis as sanções decididas com unanimidade:

Para um clérigo, a redução ao estado laical e a condenação ao exílio perpétuo, para um leigo, a excomunhão, a flagelação e depois o exílio. O concílio de Latrão III (1179) retoma de maneira precisa tal exclusão, utilizando o conceito tradicional de atos *contra naturam*, portanto, contrários à vontade divina. O quarto concílio de Latrão retoma os mesmos elementos e afirma que um clérigo que for surpreendido praticando o pecado *contra naturam* deve ser afastado do estado clerical ou relegado ao mosteiro (2011, p. 85).

No século XI, o Papa Leão VI inaugurou uma nova justificativa da condenação do homossexualismo além de *contra naturam*. Para ele não se trata mais da redução do homem a condição inferior a da mulher, mas o de violar a natureza do ato sexual em si com a emissão do esperma onde não pode existir fecundação (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 86).

No século XIII e XVI, a pena estipulada pelo menos para a parte ativa, era a morte e as penas menores eram o exílio, a exposição ao ridículo público e à multa. O Papa Pio V era exclusivamente punitivo, considerando que, assim como Deus castiga esses infiéis, do mesmo modo, a Igreja deve puni-los com a lei canônica. Sendo assim, na constituição de 1568, o Papa afirma:

Estabelecemos que qualquer sacerdote ou membro do clero, seja regular, qualquer grau ou dignidade, que pratique um crime assim horrível [...], seja privado de qualquer privilégio clerical, de qualquer encargo, dignidade e benefício eclesiástico, e depois uma vez punido pelo juiz eclesiástico, seja imediatamente entregue à autoridade secular, para que esta o destine àquele suplício, previsto pela lei como oportuna punição que sofrem os leigos caídos nesse abismo (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 89).

## **5 Visão pós-conciliar da homossexualidade**

As reflexões pós-conciliares no campo da Teologia Moral, representam uma mudança de paradigma na abordagem dos temas referentes à sexualidade. Vários aspectos foram modificados e a Igreja foi convidada a se abrir ao perdão, à misericórdia, à escuta, ao acolhimento e ao acompanhamento das pessoas mais vulneráveis e rejeitadas na sociedade. Porém, a Igreja estabeleceu como primeiro aspecto do autêntico cuidado pastoral das pessoas homoafetivas, o ensinar a verdade sobre o significado da sexualidade humana e do casamento segundo a Sã doutrina e a Tradição herdada dos Apóstolos. Portanto, é importante que o agente de pastoral que trabalha com os homoafetivos esteja familiarizado com a doutrina e com a teologia do sacramento do matrimônio. Em vista disso, MIRKES e WISCONSIN apresentam a síntese do que a Igreja ensinou e continua ensinando ao afirmar que a plenitude da humanidade que se realiza na união do homem e da mulher é o símbolo da unidade interior de Deus, que é a plenitude do Ser. Ou seja, o homem e a mulher foram feitos para se complementarem um ao outro, não só naturalmente do ponto de vista físico de seus corpos, mas também isto está divinamente afirmado nas palavras do livro do Gênesis, quando se fala do homem e da mulher (1999, p. 2).

### **5.1 A voz atual do magistério**

O Concílio Vaticano II inaugura uma nova visão na abordagem deste tema. Já não faz mais uma abordagem legalista centrada no ato homossexual, mas uma reflexão a

partir do sujeito em questão. A pergunta motora não é mais o que é homossexualidade, mas quem é o homossexual. Dado que se trata de seres humanos criados à imagem e semelhança de Deus, que merecem respeito e devem ser tratados com dignidade, o magistério pós-Conciliar passou a tratar desse tema com a devida atenção dentro da reflexão teológica, fato este que repercute até aos nossos dias. A Igreja passou a levar em conta alguns dados provenientes das ciências humanas como a psicanálise, a psicodinâmica e as teorias condutista, behaviorista e ambientalista. Embora estas teorias apresentem hipóteses diferentes da gênese deste fenômeno, elas concordam que não se trata de um distúrbio psíquico, mas simplesmente uma variante minoritária da orientação sexual. Por isso depois do Concílio, promoveram-se vários encontros de reflexão ético-teológico, possibilitando, assim, a elaboração de documentos pela Congregação para a Doutrina da Fé para oferecer diretrizes de como trabalhar este tema nas conferências episcopais. Por sua vez, as conferências episcopais produziram documentos tratando da questão não mais no sentido de condenar os homoafetivos, mas os seus atos e procurar ajudá-los a viver a sua vida na base dos princípios evangélicos. Em todos os documentos produzidos nesta época, nenhum deles aplica a sanções ao homossexual. Pelo contrário, tomando como exemplo o Pontifício Conselho Para a Família (1995), a Carta do Comitê Sobre Matrimônio e Família da Conferência Nacional Dos Bispos Católicos dos EUA de 1997, e a Instrução para a Educação Católica Sobre Sacerdócio e Homossexualidade, de 4 de novembro de 2005, as famílias são chamadas a ajudar os seus filhos homossexuais com o acompanhamento de pessoas especializadas desde a tenra idade e, se o caso não for superado, devem cooperar com a graça de Deus para viver uma vida casta.

Essas orientações não só foram direcionadas às pessoas envolvidas na pastoral diocesana ou paroquial. O assunto também foi refletido para a formação dos futuros ministros ordenados. É por isso que a Congregação para a Educação Católica, em concordância com o Catecismo da Igreja Católica<sup>7</sup>; estabeleceu uma negação categórica

---

<sup>7</sup> Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas. Esta propensão, objetivamente desordenada, constitui, para a maior parte deles, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-

às ordens sacras aos indivíduos que manifestam o seu apoio aos movimentos ou organizações que perpetuam este estilo de vida. Segundo o documento, estes estão numa situação que inviabiliza um bom relacionamento com os homens e as mulheres. Assim nota o documento:

À luz de tal ensinamento, este Dicastério, de acordo com a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, considera necessário afirmar claramente que a Igreja, embora respeitando profundamente as pessoas em questão, não pode admitir ao Seminário e às Ordens sacras aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou apoiam a chamada *cultura gay*. Estas pessoas encontram-se, de fato, numa situação que obstaculiza gravemente um correto relacionamento com homens e mulheres. De modo algum, se hão de transcurar as consequências negativas que podem derivar da Ordenação de pessoas com tendências homossexuais profundamente radicadas. Diversamente, no caso de se tratar de tendências homossexuais que sejam apenas expressão de um problema transitório como, por exemplo, o de uma adolescência ainda não completa, elas devem ser claramente superadas, pelo menos três anos antes da Ordenação diaconal (n.2).

Quanto aos homossexuais que procuram viver a sua fé em concordância com a doutrina cristã, a Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais de 1º de outubro de 1986 orienta que:

Substancialmente, tais pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus na sua vida, unindo ao sacrifício da cruz do Senhor todo sofrimento e dificuldade que possam experimentar por causa da sua condição. Para quem crê, a cruz é um sacrifício frutuoso, pois daquela morte derivam a vida e a redenção. Ainda que se possa prever que qualquer convite a carregar a cruz ou a compreender de tal forma o sofrimento do cristão será ridicularizado por alguns, é preciso recordar que é este o caminho da salvação para todos aqueles que seguem o Cristo. [...] A cruz é, sem dúvida, renegação de si mesmo, mas no abandono à vontade daquele Deus que da morte faz brotar a vida e habilita os que nele depositam a sua confiança a praticarem a virtude em lugar do vício. [...] Exatamente como a Cruz é o centro da manifestação do amor redentor que Deus tem

---

se-á, em relação a eles, qualquer sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar na sua vida a vontade de Deus e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição (nº 2358).

por nós em Jesus, assim o fato de conformarem a negação de si mesmos ao sacrifício do Senhor constituirá para homens e mulheres homossexuais uma fonte de autodoação que os salvará de uma forma de vida que continuamente ameaça destruí-los (nº12).

No contexto pastoral, a Congregação para a Doutrina da fé expõe várias razões pelas quais as uniões (os) homossexuais não devem ser reconhecidas como uma instituição de ordem familiar. Esta que segue é uma de tantas sublinhadas no documento

As uniões homossexuais não desempenham, nem mesmo em sentido analógico remoto, as funções pelas quais o matrimônio e a família merecem um reconhecimento específico e qualificado. Há, pelo contrário, razões válidas para afirmar que tais uniões são nocivas a um reto progresso da sociedade humana, sobretudo se aumentasse a sua efetiva incidência sobre o tecido social (nº8). A Igreja ensina que o respeito para com as pessoas homossexuais não pode levar, de modo nenhum, à aprovação do comportamento homossexual ou ao reconhecimento legal das uniões homossexuais. O bem comum exige que as leis reconheçam, favoreçam e protejam a união matrimonial como base da família, célula primária da sociedade. Reconhecer legalmente as uniões homossexuais ou equipará-las ao matrimônio, significaria, não só aprovar um comportamento errado, com a consequência de convertê-lo num modelo para a sociedade atual, mas também ofuscar valores fundamentais que fazem parte do patrimônio comum da humanidade. A Igreja não pode abdicar de defender tais valores, para o bem dos homens e de toda a sociedade (n. 11).

Para atualizar esta orientação de 2003, o Papa Francisco na Declaração dada em voo de volta da Armênia para o Vaticano, no dia 26/06/2016, voltou a afirmar que os homossexuais “devem ser respeitados, acompanhados pastoralmente e integrados na sociedade”. Mas por outro lado, o Papa foi contra as manifestações públicas que apoiam este grupo dizendo: “O problema não é que haja esta tendência, e sim a formação de um lobby. Esse é o assunto mais grave para mim”<sup>8</sup>. O Papa aconselha os pais a ajudarem os seus filhos caso manifestem essas inclinações. Um homem ou uma mulher homossexual “tem direito a uma família, e esse pai e mãe tem o direito a um filho ou

---

<sup>8</sup> Entrevista disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-not%C3%ADcias/588019-papa-francisco-diz-que-tendencias> acessado aos 21 de setembro de 2020.

filha, venha como vier, não se pode expulsar de casa nenhum filho ou filha homossexual”<sup>9</sup>, acrescentou o Papa. Para finalizar, o Papa sublinha que o jovem não deve se deixar escravizar pelas colonizações ideológicas que colocam ideias na cabeça e no final torna-os dependentes e fracassados na vida. Por isso, ele exorta a todos os agentes da pastoral a serem acolhedores, mediadores e protetores dessas pessoas que se encontram em situações complexas e sentem-se rejeitados pelas famílias e pela sociedade em geral. Assim se expressa o Papa:

[...] a Igreja deve acompanhar, com atenção e solicitude, os seus filhos mais frágeis, marcados pelo amor ferido e extraviado, dando-lhes de novo confiança e esperança, como a luz do farol dum porto ou duma tocha acesa no meio do povo para iluminar aqueles que perderam a rota ou estão no meio da tempestade’ (*Amoris Laetitia*, n. 291).

Portanto, ao abordar esta problemática, é necessário evitar juízos condenatórios em forma de pré-julgamentos. O Papa Francisco, insiste que é preciso evitar juízos que não levam em consideração a complexidade das diversas situações e é necessário prestar atenção ao modo como as pessoas vivem e sofrem por causa da sua condição (n. 296). Deste modo, é preciso escutar as histórias dos indivíduos para melhor compreendê-las, no seu contexto e na situação em que elas ocorreram. Por isso, o Papa orienta para uma pedagogia de misericórdia que por natureza supõe ternura no encontro, tornando-se assim critério para perceber que todos somos filhos de Deus, independentemente da nossa orientação sexual.

## 5.2 Ouvindo alguns teólogos atuais

Na reflexão teológica atual, muitos pensadores no campo da moral concordam unanimemente que há muito a ser feito ainda para que de fato, a Igreja possa levar a cabo a sua missão na esfera da afetividade humana. Um dos aspectos que muitos

---

<sup>9</sup> Entrevista disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-not%C3%ADcias/588019-papa-francisco-diz-que-tendencias> acessado aos 21 de setembro de 2020.

pensadores indicam como inviabilizador do processo de abertura e acolhimento de pessoas que apresentam características ligadas à homossexualidade é a rigidez e o rigorismo moral doutrinário que tem se observado nalguns agentes de evangelização que por contradição, se afirmam acolhedores da proposta de Jesus Cristo, mas persistem em condenar e julgar os outros em nome da doutrina da Igreja. Na tentativa de responder a esta problemática, o Papa Francisco tem escrito e exortado a toda a Igreja e aos seus agentes de evangelização, que a Igreja deve tratar estes casos com o amor que se assemelha ao de uma mãe que escuta, acolhe e acompanha. Ou seja, para Francisco,

[...] uma Mãe que, ao mesmo tempo que expressa claramente a sua doutrina objetiva, 'não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada'. Os pastores, que propõem aos fiéis o ideal pleno do Evangelho e a doutrina da Igreja, devem ajudá-los também a assumir a lógica da compaixão pelas pessoas frágeis e evitar perseguições ou juízos demasiado duros e impacientes. O próprio Evangelho exige que não julguemos nem condenemos (Mt 7, 1; Lc 6, 37). Jesus 'espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contacto com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura (AMORIS LAETITIA, n. 308).

Fundamentado no mesmo argumento, Zacharias explica que o rigorismo doutrinário muitas vezes distancia a vida concreta dos fiéis da proposta do evangelho e da missão da Igreja. Para ele, esta atitude existente nalguns agentes da pastoral, provoca mais sofrimento e dor nas pessoas necessitadas de escuta, acolhimento, misericórdia e acompanhamento para melhor discernir e formar a sua consciência na base dos princípios do evangelho. Inspirando-se na visão do Papa Francisco nos seus escritos, referindo-se à questão da moral sexual de modo geral, o teólogo acentua que:

Para Francisco, a Igreja não cumprirá sua missão se a doutrina continuar separada da vida. A autocrítica proposta por ele à Igreja e a sua teologia moral passa, sim, pela investigação, interpretação e resposta aos sinais dos tempos, mas deve considerar também a proposição de outros sinais, a fim de que a própria Igreja, pondo-se 'em saída', encontre Deus onde nem sempre imagina encontrá-lo, por exemplo, nas periferias existenciais e geográficas (ZACHARIAS, 2020, p. 286).

Por sua vez, Bueno comenta que a rigidez registrada no pensamento de alguns indivíduos, acaba gerando discípulos não maduros de Cristo, que não buscarão lidar com os desafios emergentes deixando-se guiar pelo Espírito. Estes agentes, apenas serão cegamente submissos à autoridade e às normas e por consequência serão incapazes de fazer um discernimento filial da vontade de Deus. Aliás, o mesmo autor afirma que “mentes enquadradas no rigorismo legalista não são capazes de dar o passo para a misericordiosa análise empático-pastoral em vista do bem do outro e da acolhida da sua fragilidade, não como limite desprezível, mas como oportunidade de revisão e crescimento morais” (BUENO, 2020, p. 260).

Se a Igreja pretende tocar a vida das pessoas no mundo de hoje, ela precisa de agentes abertos à atuação do Espírito para que possa responder aos desafios pastorais com um novo método de abordagem e ferramentas novas, inspiradas pelo Espírito Santo. A Igreja precisa ser formada de pessoas que constantemente procuram ouvir a voz de Cristo que pede aos seus discípulos que sejam compassivos e misericordiosos com o próximo, sem distinção ou julgamento.

De fato, o que alimenta hoje a credibilidade da Igreja [diante das outras esferas culturais no mundo], em grande parte, é sua preocupação e atividade em favor dos pobres, dos últimos da sociedade, à semelhança de seu fundador. Componentes religiosos ou morais, que não incidem no bem do próximo, não tem significado para o mundo de hoje (MIRANDA apud BUENO, 2020, p. 273).

Deste modo, diante desta problemática, o papel dos pastores e dos irmãos de fé no nosso tempo será o de proporcionar meios para a edificação das consciências,

evidenciando propostas morais, indicando os perigos, mas também deixando espaço para que o Espírito Santo de Deus possa agir, respeitando a história de cada um e a sua capacidade de fazer uma determinada opção num certo momento (BUENO, 2020, p. 278).

Ao afirmar este ponto, os teólogos atuais não estão pretendendo de modo algum romper com a Doutrina e com a Tradição da Igreja. Eles estão apelando a todos para acolher, escutar, ajudar e acompanhar as pessoas que buscam auxílio e apoio na Igreja. “Trata-se de acolher com o coração aberto, sem juízo pré-formado que isola e dificulta o relacionamento. Acolher, pastoralmente falando, significa abraçar as pessoas de coração sincero, reconhecer no outro a dignidade de filho de Deus e a igual irmandade no seio da comunidade (TRASFERETTI, 2020, p. 334). O que menos se espera de um seguidor de Cristo, é criticar, condenar ou crucificar aqueles que mais precisam. Bueno enfatiza que “quanto maior for a sensibilidade pastoral do ministro, isto é quanto maior for a sua real afeição ao povo que lhe foi confiado, maior será a possibilidade de ele se manter fiel, ser capaz de dar testemunho e amadurecer eticamente (BUENO, 2020, p. 265).

Na Idade Média, como mencionado nas seções anteriores, a Igreja olhava aos homossexuais como ‘invertidos’ que precisavam de orientação especializada do psiquiatra, e que o padre tinha o dever de auxiliar na luta contra esta ‘desordem’. Hoje a teologia moral, respeitando a dignidade e os direitos da pessoa humana, concorda com a visão da psicologia que explica que a inversão sexual não é uma desordem ou doença, mas consequência de vários fatores biológicos, psicológicos ou sociais. Dado que a homossexualidade não é uma doença, esta classe de pessoas não deseja terapia ou ser convencida a abraçar um estilo de vida contrário, pois isso seria visto como invasão da liberdade destes na vivência da sua sexualidade. A função do pastor nos nossos dias é acompanhar, dialogar, auxiliar e aceitar a pessoa como criatura de Deus que é amada e que também precisa de toda atenção dos agentes da pastoral. Como afirma Zacharias em relação à necessidade da abertura da Igreja ao encontro das exigências de uma mudança de época, pode-se afirmar ao tema que estamos abordando que:

No contexto em que vivemos, a Igreja não pode se omitir de abrir-se ao diálogo se quiser que as suas propostas sejam ouvidas, acolhidas e assumidas como ponto de referência no processo de desenvolvimento e amadurecimento afetivo-sexual das pessoas. Os fieis de hoje não sabem mais lidar com urna moral casuística, que marginaliza a consciência do sujeito. A nova consciência moral implica uma educação da consciência que os transforme em protagonistas de ações sociais e responsáveis pelos seus próprios atos (2020, p. 294).

Como se pode notar, tanto o Papa quanto os teólogos no campo da moral, insistem que a Igreja olhe na humanidade das pessoas homossexuais, pois também são pessoas que como qualquer um tem o direito de serem membros da família de Deus. Como afirma o Papa, “eles são filhos de Deus e tem o direito à família”<sup>10</sup>. O’Loughlin reporta a conversa de um sobrevivente de abuso sexual por parte do clero do Chile, Juan Carlos Cruz, conversa que este teve com o Papa Francisco, quando o Papa lhe disse o seguinte: ‘Deus fez-te gay. Deus ama-te como tu és e tu tens de te amar a ti próprio’<sup>11</sup>.

Como síntese, podemos afirmar em concordância com Zacharias, que hoje a Igreja precisa elaborar uma nova moral sexual que acolha as experiências de pessoas que aspiram pelas ‘terras prometidas’, mas que frequentemente estão nos ‘exílios’ e nos ‘desertos’ da vida. ‘Terras prometidas’ são lugares sociais caracterizados por liberdade, responsabilidade e apoio institucional; ‘exílios’ e ‘desertos’ são lugares sociais que ameaçam a vida, negam a liberdade, oprimem a dignidade e diminuem a esperança (ZACHARIAS, 2020, p. 321). Portanto, ao invés de gastar energias brigando, condenando e procurando excluir esta classe de pessoas, Trasferetti destaca que:

---

<sup>10</sup> “Homosexuals have a right to be a part of the family,” the pope said. “They’re children of God and have a right to a family.” (FRANCISCO, apud O’LOUGHLIN, October 21, 2020).

<sup>11</sup> Juan Carlos Cruz, a survivor of clergy sexual abuse who clashed with church leaders over the pope’s handling of sexual abuse in Chile, has developed a friendship with Francis. In the documentary, Mr. Cruz says he has discussed his sexuality with the pope, who told him, “God made you gay. God loves you like you are and you have to love yourself” (O’LOUGHLIN, October 21, 2020).

[...] é preciso abrir os olhos e desenvolver atitudes pastorais que acolham essas pessoas e seus familiares. As atitudes de marginalização sempre foram comuns em práticas pastorais. Pessoas da comunidade LGBT + sempre foram isoladas, renegadas, não incorporadas. Sempre receberam um julgamento preconceituoso por parte de muitos cristãos que se consideram proprietários de uma moralidade rígida e excludente (2020, p. 332).

Na sequência do seu argumento, o mesmo autor reconhece que se trata de um caminho diferente, certamente muito difícil para muitos que estavam acostumados com a lógica da marginalização. Por isso, como primeiro passo a ser dado, é preciso rever conceitos, superar a teologia moral casuística e moralista que julga e exclui pessoas. Hoje, se precisa de uma Igreja que “promove uma abertura de coração, uma moral da misericórdia e do acolhimento e uma proposta de vida evangélica que deixa de lado o julgamento e o preconceito desmesurado que condena e exclui. A moral da condenação e do julgamento pertence ao passado” (TRASFERETTI, 2020, p. 333). Este dado se justifica pelo fato de que hoje a teologia moral acredita que uma moral mais rígida não consegue compreender todas as circunstâncias que envolvem a vida de uma pessoa. Por isso é preciso ir além da moral rígida e buscar outra compreensão que busque evitar perseguição ou juízos demasiados duros e impacientes (TRASFERETTI, 2020, p. 337).

### **Considerações finais**

O objetivo primordial deste artigo foi o de colocar em relevo o quão importante é refletir a partir da história para entender como a Igreja foi abordando a questão da homossexualidade até chegar aos nossos dias. Como todos podemos concordar, esta questão é uma das mais debatidas em todas as esferas existenciais da humanidade de hoje. Portanto, um olhar eclesial a partir da história é importante para poder notar a quão evolutiva foi a compreensão desta temática na teologia moral Católica. Oferecemos além das definições um olhar eclesiológico ao longo do tempo o que nos

oportuniza contextualizar a nossa reflexão e análise para a teologia moral na atualidade.

Vimos que a partir da centralidade do homem na reflexão teológica definida no Concílio Vaticano II, registrou-se uma mudança de abordagem ao tratar-se da homossexualidade. Hoje a Igreja vê a necessidade de fazer uma leitura da questão a partir da pessoa e não no tipo de relacionamento afetivo que a identifica. Na ótica do Papa Francisco, não existe homossexualismo, mas o homossexual como pessoa que é imagem e semelhança de Deus, e por isso, a Igreja é convidada a ser uma mãe que acolhe e abraça todos os seus filhos, depois das suas quedas, ajudando-os a levantar e a pô-los de pé, porque segundo o Papa, a verdadeira queda é aquela que é capaz de arruinar a vida, é a de permanecer no chão e não se deixar ajudar (CV, n. 120). Se assim agir, a Igreja poderá cumprir a sua missão reconciliando a doutrina com a vida concreta dos fiéis, pois são as mesmas pessoas que enfrentam e vivenciam a questão em causa nas suas devidas famílias. É por isso que tanto o Papa, quanto os teólogos da moral católica, chamam a atenção a todos os agentes da pastoral para que evitem o rigorismo, pois este, além de não auxiliar, segrega, julga e condena as pessoas homossexuais.

Papa Francisco exorta à Igreja a integrar a todos, a ajudar cada um a encontrar a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial, para que se sinta objeto de uma misericórdia imerecida, incondicional e gratuita. 'Ninguém pode ser condenado para sempre porque está não é a lógica do Evangelho' (*Amoris Laetitia*, n. 297). Se esta classe de pessoas é rejeitada e condenada em toda a parte, será que a Igreja também deve perpetuar esta onda de violência contra estes filhos de Deus? Será que Cristo aplaudiria as atitudes segregativas e rigoristas que comandam as cabeças de algumas pessoas que se afirmam cristãs? Não seria mais honesto olhar para esta questão inspirando-se exclusivamente na relação de Cristo com os segregados, injustiçados e empobrecidos da sua época? Que Igreja pretendemos construir baseando-nos no rigorismo e na segregação que só alimentam a distância entre o Magistério e os fiéis em matéria de sexualidade? Este tipo de atitude não faz o ensinamento da Igreja correr o risco de ser transmitido por ondas não mais captadas pela sensibilidade

contemporânea? É preciso continuar a ser sempre mais uma Igreja que acompanha, discerne e integra a fragilidade humana, pois acreditamos que é deste modo que Cristo agiria diante desta realidade de fragilidade.

## Referências

AGOSTINHO. **Confissões**. Dois Irmãos: Editora Biblioteca Católica, 2018.

BARKER, Ernest. (org.) **Social and Political thought in Byzantium**. Oxford: Clarendon, 1957.

BUENO, Felipe S. Entre o rigorismo moral e a flexibilidade pneumatológica: A formação sacerdotal segundo Francisco. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro. (Org.). **A Moral do Papa Francisco: Um projeto a partir dos descartados**. Aparecida: Editora Santuário, 2020.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1993.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Em busca de uma ética Natural, Novo olhar sobre a Lei Natural**. São Paulo: Paulus, 2009.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais**, de 1º de outubro de 1986.

Disponível em:

<[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19861001\\_homosexual-persons\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html)>. Acesso em: 19 ago. 2019.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, **considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais**, de 3 de junho de 2003.

Disponível

em:

<[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20030731\\_homosexual-unions\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html)>. Acesso em: 09 set. 2019.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA **Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras**, de 4 de novembro de 2005.

Disponível em: <[https://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2006/t\\_cnbb.htm](https://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/t_cnbb.htm)>. Acesso em: 19 out. 2019.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, **sexualidade humana: verdade e significado, orientações educativas em família**. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/family/documents/rc\\_pc\\_family\\_doc\\_08121995\\_human-sexuality\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_08121995_human-sexuality_po.html)>. Acesso em: 08 set. 2019.

FRANCISCO, Papa. **Amoris Laetitia**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na família. São Paulo: Loyola, 2016.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atua. São Paulo: Paulus, 2013.

GOMES, Adelino; TRASFERETTI José. **HOMOSSEXUALIDADE: Orientações formativas e pastorais**. São Paulo: Paulus, 2011.

HÄRING, Bernhard. **Moral Personalista**. São Paulo: Edições Paulinas, 1974.

JÃO XXII, Papa. **Discurso na abertura solene do ss. Concílio**, de 11 de outubro de 1962. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council.html](http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html)>. Acesso em: 11 out. 2020.

LASSO, Pablo; VIDAL, Marciano; GAFO, Javier; FERNANDEZ-MARTOS, José Maria. **Homossexualidade: Ciência e consciência**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

LONERGAN, Bernard. **Método em Teologia**. São Paulo, É Realizações Editora, 2012.

MARROU, Henri-Irénéé. **História de Educação na Antiguidade**. São Paulo: Editora Usp, 1973.

MIRKES, Sr. Renee; WISCONSIN, Waukesha. Science, Homosexuality, and the Church. **Ethics & Medics: A Catholic perspective on moral issues in the Health na Life sciences**. Braintree, vol. 17, n. 6, junho de 1992. p. 1-3. Disponível em <[https://www.popepaulvi.com/PDF/SrReneeArticles/EM-Science\\_Homosexuality\\_and\\_the\\_Church.pdf](https://www.popepaulvi.com/PDF/SrReneeArticles/EM-Science_Homosexuality_and_the_Church.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2021.

MOSER, Antônio. **O enigma da Esfinge: a sexualidade**. 2a. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

ORDUÑA, Rincon; BARTRES, G. Mora; AZPITARTE, E. Lopez. **Práxis Cristã: Moral fundamental**. Vol I. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **Che cosa è l'uomo?: un itinerario di antropologia bilica**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019.

TRASFERETTI, José A. A Lógica inclusiva do Evangelho: Renovada esperança para a comunidade LGBT+. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro. (Org.). **A**

**Moral do Papa Francisco:** Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Editora Santuário, 2020.

STEAKLEY, James D.; WOLFF, Charlotte. **Love between women and love between men: Interview with Charlotte Wolf.** Spring-Summer, 1981.

VIDAL, Marciano. **Moral Cristã em tempos de relativismo e fundamentalismos.** Aparecida-SP: Editora Santuário, 2007.

ZACHARIAS, Ronaldo. Repensando a moral sexual: uma leitura da sexualidade à luz dos fundamentos da moralidade propostos por Francisco. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro. (Org.). **A Moral do Papa Francisco:** Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Editora Santuário, 2020.